

temporada oesp 2019

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
POR MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
E FUNDAÇÃO OESP APRESENTAM



RECITAL **26.5**

futuros do passado

26.5 domingo 18H RECITAL

—
KIRILL GERSTEIN PIANO

FRANZ LISZT [1811-86]

Estudo Transcendental nº 7 em Mi Bemol Maior - Eroica [1851]
5 MIN

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]

Variações Eroica em Mi Bemol Maior, Op.35 [1802]
23 MIN

LEOS JANÁČEK [1854-1928]

Sonata 1.X.1905 em Mi Bemol Menor - Das Ruas [1905-06]
PRESENTIMENTO [CON MOTO]
MORTE [ADAGIO]

13 MIN

/INTERVALO

20 MIN

FRANZ LISZT [1811-86]

Funerais [1849]
12 MIN

CLAUDE DEBUSSY [1862-1918]

As Noites Iluminadas Pelo Calor do Carvão [1917]
2 MIN

VARDAPET KOMITAS [1869-1935]

Duas Danças Folclóricas
SHUSHIKI DE VAGHARSHAPAT
UNABI DE SHUSHI

7 MIN

MAURICE RAVEL [1875-1937]

Le Tombeau de Couperin [1914-17]
PRÉLUDE
FUGUE
FORLANE
RIGAUDON
MENUET
TOCCATA

24 MIN



Liberté • Égalité • Fraternité
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

**Consulat Général de France
à São Paulo**

Kirill Gerstein em entrevista exclusiva:

Como você concebeu o programa deste recital?

O fio condutor de todo o programa é a resposta dos compositores à opressão política e ao tumulto social (algo muito atual). As *Variações Eroica* ecoam o fascínio e, depois, o desapontamento de Beethoven com Napoleão. O *Estudo Transcendental n° 7 – “Eroica”*, de Liszt, é uma homenagem óbvia a Beethoven, ou ao menos foi escrita e intitulada com plena consciência em relação a seu famoso antecessor.

A *Sonata* de Janáček foi escrita como um lamento para um jovem que foi morto quando protestava pacificamente em Brun, na República Tcheca (e eu adoro a justaposição entre a estruturação sofisticada de Beethoven e o caráter rapsódico e atmosférico de Janáček – uma combinação que não se costuma ver muito). Já a peça *Funerais* de Liszt é um tributo a muitos de seus amigos que sofreram em um levante húngaro malsucedido contra o regime Habsburgo [austríaco].

Em relação a Debussy: por muitos anos, os *Estudos* e a *Elegia* foram considerados suas últimas peças para piano. Em novembro de 2001, contudo, *As Noites Iluminadas Pelo Calor do Carvão* vieram à superfície, revelando uma história extraordinária: durante o inverno extremamente duro de 1916-17, na Guerra, o vendedor de carvão de Debussy (que gostava de música) conseguiu desviar escassos suprimentos para abastecer a casa do compositor. Em agradecimento (e, certamente, como pagamento), ele recebeu o belo manuscrito dessa peça, provavelmente composta em fevereiro ou março de 1917.

Komitas [1869-1935, compositor e etnomusicólogo armênio], que preservou o folclore de seu país, foi preso durante o Genocídio Armênio. Pouco depois, foi transferido para um hospital psiquiátrico. Seus arranjos de materiais folclóricos são transparentes e muito bonitos. *Le Tombeau de Couperin*, de Ravel, dispensa apresentações, mas é, também, uma homenagem a amigos que se foram – nesse caso durante a Primeira Guerra Mundial. 2018 marcou o aniversário de 100 anos do armistício (11 de novembro de 1918), que encerrou a Primeira Guerra. Pensei que seria apropriado honrar esse marco.

Acho que essas coisas não devem nunca ser esquecidas – foi isso que tive em mente.

Nesta semana você tocou, com a Osesp, o *Concerto Para Piano de Schoenberg* e a *Rhapsody in Blue* de Gershwin. O que conecta essas obras?

Há uma conexão histórica absolutamente incrível entre elas, que passa pela maravilhosa figura de Oscar Levant [1906-72] – um famoso pianista, ator, comediante, escritor e compositor norte-americano, que era amigo de Gershwin. O que as pessoas talvez não saibam é que ele também foi aluno de Schoenberg. Levant ficou muito famoso e quis honrar a memória de seu antigo professor, encomendando o *Concerto Para Piano*. A história é um tanto curiosa: ele pediu a Schoenberg que lhe escrevesse uma peça curta para piano, mas o mestre optou por ignorar a diretriz e escreveu o *Concerto Para Piano*, enviando a Levant uma conta substancial pela encomenda. Mesmo que Levant fosse então abastado, o valor era realmente alto: inicialmente, recusou-se a pagar, mas finalmente acabou cedendo – mas nunca chegou, contudo, a tocar o concerto, que é muito distante, musicalmente, de seu perfil como pianista.

Schoenberg e Gershwin foram também amigos próximos: jogavam tênis em Hollywood; há um maravilhoso retrato de Schoenberg pintado por Gershwin e uma comovente gravação de Schoenberg falando sobre o amigo pouco depois que este falecera.

Por último, o público fica, às vezes, com um certo medo do *Concerto* de Schoenberg, porque não o conhece. Já a *Rhapsody* é sempre uma grande atração – a ideia é transpor o medo das pessoas ao combinar essas duas peças. O que acontece muito é que as pessoas vêm ao concerto por causa da *Rhapsody*, ouvem o *Concerto Para Piano* de Schoenberg e dizem: “puxa, que peça maravilhosa” – não era de forma alguma assustadora. Nós temos medo do que não conhecemos – e parte da nossa tarefa, como artistas que tocam repertórios menos conhecidos, é ser, por assim dizer, bons curadores dessa galeria de obras de arte musicais. E não me parece a melhor prática agrupar as peças dizendo: “essa é a sala da música do século XIX”, “esta é a sala da música do século XVIII” – acho que o interessante mesmo é fazer essas transposições.

Você estudou tanto música clássica quanto popular, encomendou obras a compositores contemporâneos eruditos e também do jazz. Como você se situa entre essas referências?

Para mim, é surpreendente como as coisas são divididas – não acho que isso faça muito sentido, porque, essencialmente, não acho que Beethoven ou Keith Jarrett, por exemplo, fa-

çam coisas tão diferentes. É como na literatura: há estilos e formas diferentes de escrever, mas trata-se da mesma língua. Existem diferenças entre a música clássica e o jazz, mas acho que são partes do mesmo horizonte. É limitante dizer: "sou um pianista clássico, não experimento tais e tais músicas" – por que eu faria isso? Não acho que isso seja uma escolha, mas é uma necessidade pessoal: leva tempo para se descobrir, mas sinto que, para mim, isso é necessário como forma de viver na música – para outras pessoas, pode ser algo diferente. A mim parece normal tocar vários tipos de música, e também ser professor. Todos os meus ídolos do passado, como Beethoven, Liszt ou Busoni, foram também professores. [Kirill acaba de lançar um CD com o – pouco tocado – *Concerto Para Piano* de Busoni, que ele descreve como "uma espécie de sinfonia de Mahler com a parte mais desafiadora de piano do mundo!"]

Voltando à curadoria: a decisão sobre os programas precisa partir de uma escolha artística. Assim, deveria ser normal tocar repertórios diversos e de diferentes épocas: música boa é música boa, não interessa quando tenha sido feita.

Você pode nos contar um pouco sobre o *Concerto Para Piano* de Thomas Adès, que estreou recentemente em Boston sob a batuta do compositor (que foi, aliás, compositor visitante da Osesp alguns anos atrás)?

Em minha opinião, o *Concerto de Adès*, sem nenhuma hesitação, é realmente uma obra prima – espontaneamente clássica. Desde Prokofiev ou Ravel não tínhamos concertos no repertório concertos dessa natureza: compreensíveis e facilmente apreciáveis para o público, mas, ao mesmo tempo, música intrincada e sem apelo fútil. O *Concerto* é igualmente original e rico para os músicos, e envolvente para o público. Para mim representa algo muito especial, porque foi escrito para mim – e é uma peça tão incrível quanto dá para ser, para o pianista. A palavra está desgastada, mas Thomas Adès é o que podemos chamar de um *gênio*. Gostaria muito de trazer esse concerto ao Brasil – acho que a platéia da Osesp vai gostar.

[ENTREVISTA A ARTHUR NESTROVSKI E JÚLIA TYGEL]



KIRILL GERSTEIN

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MARÇO DE 2017

—

Russo-americano baseado em Berlim, o pianista já se apresentou com orquestras como as Filarmônicas de Berlim, Viena e Nova York, a Concertgebouw de Amsterdã e as Sinfônicas de Boston e da BBC. Dentre suas gravações estão os *Estudos Transcendentais* de Liszt (apontado como um dos CDs do ano de 2016 pelo The New Yorker), o *Concerto n° 1* de Tchaikovsky e, a ser lançado ainda neste ano, o *Concerto Para Piano* de Busoni (todas pelo selo Myrios). Em seu versátil repertório estão obras que ele mesmo encomendou aos compositores Timothy Andres, Chick Corea, Alexander Goehr, Oliver Knussen, Brad Mehldau e, mais recentemente, Thomas Adès.

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

**SECRETARIA DE CULTURA E
ECONOMIA CRIATIVA DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA ADJUNTA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OESP

PRESIDENTE DE HONRA
**FERNANDO HENRIQUE
CARDOSO**

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
FÁBIO COLLETTI BARBOSA

VICE-PRESIDENTE
ANTONIO CARLOS QUINTELLA

CONSELHEIROS
ALBERTO GOLDMAN
ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
JOSÉ CARLOS DIAS
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
STEFANO BRIDELLI

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



OBRA DA CAPA

Wagner Malta Tavares

São Paulo, São Paulo, Brasil, 1964

Detalhe da obra **Ondas curtas**, 2013

vídeo - duração 8 minutos e 45 segundos

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Doação do Iguatemi São Paulo, por intermédio

da Associação Pinacoteca Arte e Cultura -

APAC – em processo

Still de vídeo

Serviços Sala São Paulo



/osesp

osesp.art.br

salasaopaulo.art.br

fundacao-osesp.art.br